



**Universidade Federal De Viçosa
Centro De Ciências Agrárias
Departamento De Economia Rural**

Vitória Maria da Silva Maurício

REDE AGROECOLÓGICA RAÍZES DA MATA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Orientadora: Bianca A Lima Costa

VIÇOSA – MG

2025

Vitória Maria da Silva Maurício

REDE AGROECOLÓGICA RAÍZES DA MATA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Economia Rural como etapa imprescindível para obtenção do título de bacharelado em Cooperativismo na Universidade Federal de Viçosa. Sob a orientação da professora/doutora Bianca A Lima Costa

VIÇOSA – MG

2025

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	9
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	12
4.1 Descrição da história da Rede Raízes da Mata - formas de organização e identificação de características.....	12
4.2 Principais desafios enfrentados pela Rede Raízes da Mata e possibilidades de atuação.....	15
5 CONCLUSÕES.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

Rede Agroecológica Raízes da Mata: Desafios e Perspectivas

Agroecological Network Raízes da Mata: Challenges and Perspectives

Autoria 1^I , Autoria 2^{II} , Autoria 3^{III}  [Não preencher os itens em amarelo]

^I Instituição, Departamento [se houver], Cidade, Estado[sigla], Brasil

^{II} Instituição, Departamento [se houver], Cidade, Estado[sigla], Brasil

^{III} Instituição, Departamento [se houver], Cidade, Estado[sigla], Brasil

RESUMO

A partir da atuação da Rede Agroecológica Raízes da Mata, analisa-se a comercialização de alimentos agroecológicos e da economia solidária na Zona da Mata Mineira, verificando seus desafios e as possibilidades de atuação para o fortalecimento de seus processos e impacto social. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, com entrevistas e observação direta, além da análise de documentos e registros das organizações envolvidas. Os resultados mostram que a Rede tem se consolidado como uma referência na região, apesar dos desafios financeiros, organizacionais e de marketing enfrentados ao longo dos anos. Conclui-se que, embora a Rede tenha conquistado avanços importantes, como o envolvimento com processo de certificação orgânica e a criação de um fundo de investimentos, ela precisa fortalecer sua base financeira e melhorar a estrutura organizacional para garantir sua continuidade e expansão, ampliando seu impacto nas comunidades envolvidas.

Palavras-chave: Agroecologia; Agricultura Familiar; Circuitos Curtos.



ABSTRACT

Based on the activities of the Rede Agroecológica Raízes da Mata, this study analyzes the commercialization of agroecological foods and the solidarity economy in the Zona da Mata region of Minas Gerais, examining its challenges and the possibilities for strengthening its processes and social impact. To this end, a qualitative approach was adopted, involving interviews and direct observation, as well as the analysis of documents and records from the organizations involved. The results show that the network has become a reference in the region, despite the financial, organizational, and marketing challenges faced over the years. It is concluded that, although the network has made significant progress, such as involvement in the organic certification process and the creation of an investment fund, it needs to strengthen its financial base and improve its organizational structure to ensure its continuity and expansion, thereby increasing its impact on the communities involved.

Keywords: Agroecology; Family Farming; Short Circuits.

1 INTRODUÇÃO

Os circuitos curtos de comercialização (CCCs) têm se consolidado como uma alternativa para fortalecer a agricultura familiar, especialmente em contextos locais, como Viçosa (MG). Desse modo, visa-se encurtar as cadeias produtivas, conectando diretamente produtores e consumidores, além de reduzir intermediários e fortalecer a relação entre produção, consumo e sustentabilidade (Costa; Padilla, 2024).

A Rede Agroecológica Raízes da Mata é um exemplo significativo de CCC na cidade analisada. Desde sua criação, a Rede busca promover a comercialização de alimentos agroecológicos, produzidos por pequenos agricultores familiares. A categoria de Agricultor Familiar foi regulamentada pela Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que estabelece diretrizes para as políticas públicas voltadas à agricultura familiar e aos empreendimentos familiares rurais no Brasil, reconhecendo a importância dos pequenos produtores na economia nacional, garantindo-lhes direitos e acesso a programas específicos de incentivo e desenvolvimento.

Como princípios da referida lei (11.326), citam-se a descentralização, que promove a distribuição de responsabilidades entre diferentes níveis de governo; a sustentabilidade ambiental, social e econômica, visando práticas agrícolas que preservem o meio ambiente, assegurem justiça social e garantam viabilidade

econômica; a equidade na aplicação das políticas, respeitando aspectos de gênero, geração e etnia, assegurando tratamento justo e inclusivo a todos os agricultores familiares; e a participação ativa desses agricultores na formulação e implementação das políticas que os afetam, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e consideradas no processo decisório (Costa; Cuellar; Silva, 2020).

Rover e Darolt (2021) explicam que os CCCs são destinados à distribuição de alimentos e produtos do campo, por venda direta ou com, no máximo, um intermediário entre agricultores e consumidores, podendo ocorrer dentro e fora das propriedades, de forma presencial ou virtual.

Assim, buscando o fortalecimento da economia local, os agricultores participantes obtêm maior valor agregado pelos seus produtos, impulsionando suas economias familiares, ao mesmo tempo em que se criam vínculos sociais e culturais entre produtores e consumidores (Costa; Padilla, 2024).

Quanto ao contexto da insegurança alimentar no Brasil, discute-se sobre a alimentação humana nesses últimos anos, incluindo a ingestão de produtos mais saudáveis, sustentáveis e que não agridam a nossa terra, como abordado por Ramos e Calgaro (2021).

A valorização de alimentos de produção local contribui para combater a insegurança alimentar e promover sistemas agroalimentares que respeitam o meio ambiente e fortalecem a economia das comunidades envolvidas. No entanto, esse tipo de produção enfrenta desafios relacionados à acessibilidade econômica, à falta de políticas públicas e à resistência cultural a mudanças nos hábitos alimentares.

Embora programas como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e o PRONAF (Política Nacional de Agricultura Familiar) possam indiretamente beneficiar esses sistemas, eles não foram desenhados para atender às suas particularidades, e iniciativas pontuais, como feiras agroecológicas e grupos de consumo responsável, carecem de um arcabouço institucional sólido. Dessa forma, mais do que a falta de políticas robustas, há um vácuo regulatório e institucional que impede a ampliação e consolidação dos circuitos curtos de comercialização como alternativa viável para produtores e consumidores. Assim, a construção de alternativas agroecológicas pode mitigar os impactos das crises e proporcionar uma alimentação de qualidade que beneficie tanto os indivíduos quanto o planeta (Rover; Darolt, 2021).

Neste estudo, objetiva-se analisar a experiência da Rede Agroecológica Raízes da Mata, buscando compreender sua organização enquanto CCC de alimentos

agroecológicos. Especificamente, realiza-se uma descrição da história da Rede Raízes da Mata, suas formas de organização, bem como características e desafios de comercialização, verificando possibilidades e soluções para melhorias.

Para tanto, este trabalho está estruturado em cinco seções. A primeira apresenta a introdução, que contextualiza o tema da pesquisa, define os objetivos e justifica a escolha do objeto de estudo. A segunda aborda a revisão de literatura, trazendo os principais conceitos e teorias que fundamentam a pesquisa, como agroecologia, economia solidária e circuitos curtos de comercialização. Na terceira seção, são descritos os procedimentos metodológicos adotados, com detalhes sobre a abordagem qualitativa e as técnicas de coleta de dados. A quarta apresenta os resultados e a discussão, explorando a trajetória da Rede Agroecológica Raízes da Mata, seus desafios e avanços ao longo dos anos. Por fim, a última parte oferece as conclusões do estudo, respondendo aos objetivos propostos e sugerindo estratégias para fortalecer a Rede e ampliar seu impacto na comunidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os circuitos curtos de comercialização (CCCs) possibilitam a criação de redes alimentares de base local, que valorizam as forças e a agrobiodiversidade dos territórios, promovendo a segurança alimentar e nutricional, ao incentivarem sistemas agroalimentares mais sustentáveis (Costa; Padilla, 2024). Não se trata apenas de discutir os processos de “comercialização”, mas também de analisar a complexidade do sistema agroalimentar globalizado e os seus impactos na sociedade.

Nesse contexto, as feiras, grupos de consumo, redes, entre outros representam um exemplo concreto de CCCs, caracterizando-se como espaços de acesso público onde os consumidores podem adquirir alimentos diretamente de quem os produz. Assim, os produtores que participam dessas iniciativas são, em sua maioria, agricultores familiares, pequenos e médios empreendimentos associativos ou solidários, localizados frequentemente em áreas periurbanas ou rurais, que comercializam seus produtos de maneira periódica e direta com os consumidores, geralmente residentes em áreas urbanas (Rover; Darolt, 2021).

Nesse sentido, promove-se um comércio mais justo, solidário e de produção familiar orgânica e agroecológica, já que a agricultura familiar é um dos pilares dessa constituição. Ramos e Calgaro (2021) confirmam que a redução do número de

agentes envolvidos entre produtor e consumidor aumenta o potencial para se trabalhar com preços justos, proporcionando melhor retorno financeiro para os produtores.

Para identificar e diferenciar o que caracteriza ou não um circuito curto de comercialização, é necessário analisar os elementos que definem seu perfil. Quando se discutem CCCs, um ponto comum é a adesão de agricultores familiares, frequentemente em fase de transição agroecológica ou já certificados como orgânicos. Nessa categoria, como estabelecido na Lei 11.326, destaca-se o uso intensivo de mão de obra familiar, que enfrenta uma carga de trabalho significativa e, muitas vezes, precisa desempenhar novas funções ou colaborar com outros agricultores. A partir dessa dinâmica, busca-se melhorar a apresentação dos produtos, organizar uma logística eficiente e garantir alimentos de qualidade, frescos e entregues rapidamente (Darolt, 2012).

Embora o número de intermediários entre a produção e o consumo seja um aspecto central nos CCCs, há também elementos espaciais e socioculturais relevantes, como a proximidade geográfica entre produtores e consumidores, a distância relacional e informacional, o modo de produção e as tradições e culturas alimentares associadas aos produtos (Silveira, 2013).

Os CCCs incluem tanto canais de venda direta quanto de venda indireta. Na venda direta, o produtor comercializa seus produtos diretamente ao consumidor, enquanto na venda indireta há apenas um intermediário, geralmente engajado no processo. Em alguns casos, as vendas indiretas podem incluir circuitos espacialmente estendidos, que se tornam uma opção quando a oferta não é suficiente para atender a demanda local (Darolt *et al.*, 2016).

Rover e Darolt (2021) reforçam que a maioria dos produtores da agricultura familiar agroecológica participa simultaneamente de múltiplos CCCs para comercialização, incluindo feiras, mercados institucionais — como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) —, além de cestas entregues em domicílio, pontos de distribuição e redes de vendas de produtos certificados.

É válido destacar que a continuidade dos CCCs está diretamente associada à presença de uma quantidade mínima e constante de consumidores, bem como à sua fidelização. Para assegurar a sustentabilidade desses circuitos, Schneider e Gazolla (2017) recomendam critérios de entrada e acordos para a permanência, que podem

incluir o pagamento de quotas como "sócios", a regularidade nas compras, os aportes financeiros, e a participação na gestão, no manejo das culturas e na logística e transporte dos alimentos. Além disso, é importante que os membros participem de formações contínuas e nas decisões estratégicas, garantindo a colaboração e o engajamento de todos os envolvidos.

Os circuitos curtos de comercialização são frequentemente vistos como inovações sociais, que priorizam alimentos nutritivos oriundos de sistemas agroalimentares, com foco na agricultura familiar, entre outros aspectos. No entanto, esses modelos de comercialização não são invenções recentes, já que existem desde os primeiros processos de troca realizados pelos grupos humanos. A verdadeira novidade, portanto, não está na sua origem, mas na sua capacidade de expansão e adaptação a diferentes contextos, condições produtivas e logísticas, além da disseminação através das novas mídias digitais (Darolt *et al.*, 2016).

Enquanto grandes cadeias de distribuição e o agronegócio possuem forte apoio estatal e acesso facilitado a subsídios, infraestrutura e crédito, os circuitos curtos enfrentam barreiras regulatórias, tributárias e logísticas que dificultam sua expansão. Além disso, a ausência de um arcabouço legal específico e de políticas de fomento direcionadas evidencia a predominância de um modelo agroindustrial, em detrimento de sistemas mais sustentáveis e socialmente justos. Nesse cenário, a promoção de circuitos curtos exige vontade política para a implementação de incentivos, como compras institucionais, apoio à logística, simplificação burocrática e programas de educação alimentar, além do fortalecimento da organização dos agricultores e consumidores para ampliar sua participação nos processos decisórios.

Na visão de Neumeier (2012), os CCCs são inovações sociais, pois envolvem mudanças nas atitudes, comportamentos e percepções de um grupo de pessoas que compartilham interesses e experiências comuns, promovendo um caminho mais eficaz de ação colaborativa. Nessa perspectiva, o mesmo autor propõe critérios para entender o que caracteriza uma inovação social, sendo eles: 1) apresentar uma novidade em relação ao público, ao contexto ou à forma de execução; 2) responder de maneira mais eficaz às necessidades do grupo impactado, superando as alternativas anteriormente adotadas para objetivos semelhantes; 3) oferecer soluções sustentáveis a longo prazo; e 4) ser adotada além do grupo inicial que a desenvolveu.

Por outro lado, Rambo *et al.* (2019) consideram que os CCCs abrangem um processo de reformulação de recursos promovidos pela agricultura familiar, em

parceria com suas organizações associativas e o apoio do poder público.

Quanto aos incentivos do poder público, citam-se, como exemplos, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que incentivam a compra direta de pequenos produtores para abastecer escolas e equipamentos públicos, reduzindo intermediários. Adicionalmente, o PRONAF oferece crédito facilitado para agricultores investirem na produção e comercialização, enquanto feiras agroecológicas e mercados institucionais promovidos por estados e municípios ajudam a conectar produtores e consumidores. De igual modo, alguns editais locais incentivam a comercialização direta, mas a ausência de um marco regulatório e políticas públicas estruturadas ainda limita a expansão e fortalecimento desses circuitos.

Desse modo, contribui-se para a implementação de novas estratégias de organização dos produtores, o que, por sua vez, fortalece a economia local e os próprios circuitos curtos. Assim, surgem novas redes sociais, que podem se tornar pilares para a consolidação de redes de aprendizagem e inovação no espaço rural.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, adota-se uma abordagem qualitativa, caracterizada como aquela que utiliza métodos como observação direta e entrevista, aproximando-se de uma abordagem mais geral de trabalho de campo (Poupart *et al.*, 2008).

Esta pesquisa pode ser caracterizada como exploratória, conforme as definições de Lakatos e Marconi (2010), tendo como objetivo principal proporcionar uma visão geral sobre um fenômeno pouco conhecido ou pouco explorado, permitindo ao pesquisador familiarizar-se com o tema e levantar questões e hipóteses iniciais. Ela não visa fornecer respostas definitivas, mas sim aprofundar o conhecimento sobre um assunto, especialmente quando este é complexo ou pouco documentado.

No caso da pesquisa sobre circuitos curtos de comercialização, a abordagem exploratória se justifica pelo fato de o tema envolver práticas sociais e econômicas específicas (como as redes e feiras agroecológicas e a agricultura familiar), que podem ter aspectos ainda não suficientemente estudados. Assim, objetiva-se mapear as dinâmicas desses circuitos, identificar suas características e desafios.

Como delineamento da pesquisa, tem-se o estudo de caso, que visa investigar um fenômeno atual dentro do seu contexto real. Essa abordagem tem sido cada vez

mais utilizada, pois serve a diversos objetivos, como explorar situações cotidianas sem limites claramente definidos, descrever o contexto em que a pesquisa está sendo realizada e explicar variáveis causais de fenômenos complexos (Yin, 2005).

Cabe ressaltar que este estudo faz parte de um projeto financiado pela Fapemig, intitulado "Agroecologia e sistemas alimentares localizados: inovações sociais na construção de circuitos curtos de comercialização". O projeto foi aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Viçosa (Parecer Consubstanciado do Comitê de nº 6.760.478). A pesquisa visa aprofundar a compreensão das inovações sociais nos circuitos curtos de comercialização, observando suas práticas e impactos nas comunidades envolvidas.

Como procedimento metodológico para obtenção de dados, realizaram-se entrevistas com organizadores da Rede, além de pesquisa documental, visando compreender as dinâmicas internas, os desafios enfrentados e as estratégias adotadas pela organização ao longo do tempo. As entrevistas foram conduzidas de forma semiestruturada, permitindo que os entrevistados compartilhassem suas experiências, percepções e sugestões sobre o funcionamento da Rede Agroecológica Raízes da Mata. A pesquisa documental envolveu a análise de registros internos, relatórios de atividades, atas de reuniões, e outros documentos que fornecem um panorama das práticas, decisões e resultados obtidos ao longo da trajetória da Rede. Dessa forma, a combinação desses métodos possibilitou uma visão aprofundada das questões financeiras, organizacionais e sociais que impactam diretamente as operações da Rede, além de fornecer subsídios para propor soluções que possam contribuir para sua sustentabilidade e crescimento.

A entrevista foi realizada na atual sede da Rede Agroecológica Raízes da Mata, Casa 19, Vila Gianetti (UFV), no primeiro semestre de 2024 (em maio), contando com a participação de duas pessoas (Quadro 1).

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas

Código das entrevistadas	Perfil
A1	Sexo feminino, 35 anos, autodeclarada branca, nascida em Belo Horizonte (MG), residente em Viçosa desde 2007. Formada em Agronomia (2013) pela Universidade Federal de Viçosa. Integrante da Rede Raízes da Mata desde sua criação, sob o posto de fundadora, colaboradora e gestora
A2	Sexo feminino, 35 anos, autodeclarada branca, nascida em Viçosa (MG). Formada em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa. Realizou estágio na Rede Raízes da Mata quando tinha formato similar ao de Feira Livre

Fonte: Autoria própria(2024).

A identidade das participantes foi preservada durante todo o processo de pesquisa, de acordo com os princípios éticos estabelecidos pelo Conselho de Ética. Para garantir a confidencialidade e anonimato das envolvidas, as participantes foram referidas como A1 e A2, ao longo do estudo. Desse modo, visa-se proteger sua privacidade, assegurando que suas informações pessoais não sejam divulgadas, ao mesmo tempo em que permite a análise de suas contribuições no contexto da pesquisa.

Para a obtenção de dados, foi utilizada uma entrevista flexível, por ser um método mais natural e dinâmico, sendo gravada e transcrita para melhor organização das informações coletadas. Assim, foram realizadas cinco etapas: 1) compilação da base de dados; 2) decomposição dos dados; 3) recomposição dos dados; 4) interpretação dos dados e; 5) conclusão (Yin, 2016).

Como mencionado anteriormente, a pesquisa combinou técnicas de coleta de dados, como a observação direta em feiras agroecológicas, a entrevista com agricultores e consumidores, além de análise de documentos e registros das organizações envolvidas nos circuitos. Considera-se que a integração desses

métodos permite o entendimento do fenômeno investigado e suas dinâmicas sociais, econômicas e ambientais associadas aos CCCs.

Como já mencionado, as entrevistas foram realizadas na sede da Rede Agroecológica Raízes da Mata, em maio de 2024, seguindo um roteiro flexível para captar narrativas espontâneas e aprofundadas das participantes, a fim de garantir maior riqueza de detalhes sobre suas experiências e percepções. Os dados obtidos foram gravados, transcritos e organizados em cinco etapas analíticas descritas por Yin (2016): compilação da base de dados, decomposição e recomposição das informações, interpretação e conclusão, permitindo estruturar as evidências de maneira lógica e coerente. O estudo seguiu rigorosos princípios éticos, sendo aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Viçosa, garantindo anonimato às entrevistadas, referenciadas como A1 e A2, e assegurando a integridade das informações coletadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Descrição da história da Rede Raízes da Mata - formas de organização e identificação de características

A Rede Agroecológica Raízes da Mata foi criada em 2011, com o objetivo de promover o acesso a alimentos saudáveis e fomentar a relação entre produtores e consumidores, consolidando o conceito de "prossumo". O nome "prossumidores" é utilizado para evidenciar a articulação de consumidores e produtores em prol do consumo de alimentos agroecológicos e/ou da economia solidária (Agroecologia em Rede, 2024).

Nesse sentido, a Rede se tornou referência na Zona da Mata, sendo pioneira no encurtamento dos caminhos entre consumo e produção, além de valorizar a agricultura familiar. Criada por estudantes e professores da UFV, com apoio de várias organizações, ela se baseia nos princípios da agroecologia e da economia solidária (Agroecologia em Rede, 2024).

No início, a organização funcionava com um calendário semanal de levantamento da produção na segunda-feira, divulgação da lista de produtos disponíveis e recebimento de encomendas dos consumidores até quarta-feira. Na sexta-feira, eram recebidos os alimentos e entregues as cestas de acordo com os

pedidos dos consumidores. A atuação estava muito vinculada aos projetos de extensão e pesquisa da UFV e, nos períodos de recesso da universidade, as atividades eram suspensas ou realizadas feiras. Diferentes formatos foram experimentados e várias pessoas atuaram na Rede neste período.

Segundo dados da entrevista, a Rede Raízes da Mata realizou mutirões e intercâmbios agroecológicos, tendo como principal objetivo promover aos prossumidores momentos de aproximação e estreitamentos de vínculos. Segundo a participante A1, *“a rede Raízes da Mata promovia muito intercâmbio/mutirão (...) era também uma forma de controle da qualidade agroecológica, e envolvia tanto os outros agricultores como os consumidores”*. A entrevistada A2 completa que *“a ideia da rede é ser acessível pra todo mundo, né? Não ficar restrito num ambiente acadêmico, por isso, a tentativa de ir pra esse espaço, né?”*.

Nesses espaços, os prossumidores compartilhavam suas histórias, proporcionando troca de saberes, novas formas de produção, construção conjunta de significados e desenvolvimentos de estratégias. Quanto aos princípios da rede, a participante A2 relata que:

“Então, a gente foi estudando cartilhas e foi desenhando o que que era a nossa vivência (...) e a gente permanece reforçando isso, né? Que é gestão compartilhada, economia solidária, transparência, né? Toda essa gestão de recursos e tudo era compartilhado também. Ritmo também que a gente achou importante colocar, que era pra respeitar”.

Na época, os obstáculos para esse funcionamento impediram a sua continuidade, mas a rede prosseguiu se movimentando e se reinventando.

O próprio exercício de mutirão e intercâmbios davam o caráter de certificação, mas não era a certificação em si. A certificação legalizada só foi acontecer em 2018, com a Organização de Controle Social (OCS). Por meio da certificação orgânica dos produtos, foi possível obter garantia, qualidade e confiança dos alimentos oferecidos aos consumidores.

Em setembro de 2018, a Rede Raízes da Mata foi cadastrada pelo Ministério da Agricultura como a primeira OCS da microrregião, certificando a qualidade orgânica de três unidades familiares. Desde então, as entrevistadas afirmaram que a Rede tem desbravado novos caminhos, embora o certificado de OCS não tenha sido renovado.

Atualmente, a Rede participa ativamente da construção do Sistema Participativo de Garantia Orgânica (SPG) no Polo Agroecológico da Zona da Mata, visando consolidar um Circuito Econômico Solidário e promover o fortalecimento econômico de toda a comunidade (Agroecologia em Rede, 2024).

Em 2019, foi possível ampliar as possibilidades de distribuição, pois a organização começou a impulsionar outras frentes, como de distribuição das cestas agroecológicas e *coffee break*.

Entretanto, em 2020 com a finalização dos projetos e o início da pandemia da Covid-19, houve o redirecionamento do trabalho para a oferta das cestas agroecológicas para o escoamento dos produtos. Conforme A1,

“Na crise de saúde as pessoas procuraram exatamente pensando na saúde, no delivery entendeu? E foi aí que a rede segurou as outras feiras que eu acho que essa é uma coisa legal porque aí fez uma parceria com o pessoal do Instituto de Agroecologia e Educação (IAE) (...) a gente fazia a compra o fracionamento e a distribuição para esses grupos de consumo de outros municípios então era um volume grande”.

Contudo, após a pandemia, a demanda pelas cestas foi caindo, pois seus participantes começaram a fazer suas próprias cestas, causando um enfraquecimento do movimento.

Outra situação surgiu em 2021, mediante a ocorrência da pandemia e da necessária contenção de gastos, que causou a redução do número de colaboradores da gestão. Nesse mesmo ano, houve a última atualização do site da Rede Agroecológica Raízes da Mata.

Em 2024, a Rede Agroecológica Raízes da Mata contou com a colaboração de três pessoas no processo de gestão. Atualmente, a Rede trabalha apenas com compras coletivas e com uma banca na Feira Quintal Solidário.

No Quadro 2, apresentam-se, de forma sistematizada, os principais momentos importantes na história da Rede Agroecológica Raízes da Mata ao longo dos anos.

Quadro 2 - Momentos importantes na história da Rede Raízes

Ano	Ocorrência
2011	Criação da Rede Agroecológica Raízes da Mata com a Feira na casa 18, Vila Gianetti

2015	Criação da Feira no Bairro de Fátima
2016	Criação do fundo de investimentos (Aportes)
2017	Compras coletivas, Mutirões e intercâmbios, Utilização de certificação Orgânica, Criação da OCS
2019	Projeto (CNPQ), Cestas Agroecológicas, Coffee Break e Almoços para eventos no campo
2020	Pandemia da Covid-19
2021	Redução de número de pessoas envolvidas e última atualização das redes sociais
2024	Ampliação de atividades, como participação em feiras

Fonte: Auria própria(2024).

Como pode ser observado acima, em 2011, a Rede foi criada com a realização da primeira Feira na Casa 18, na Vila Gianetti. Em 2015, a Rede saiu da UFV, efetuando a criação da Feira no Bairro de Fátima. No ano seguinte, em 2016, foi instituído um fundo de investimentos para apoiar as iniciativas da organização, mas esse fundo foi curto. Em 2017, além das compras coletivas, marcaram presença os mutirões e intercâmbios, que sempre existiram, mas nessa época esses movimentos aumentaram por conta de incentivos, tais como a certificação orgânica e a criação da Organização de Controle Social (OCS). Em 2019, a Rede retornou com o oferecimento de cestas agroecológicas e também a realizou *coffee breaks*. Em 2020, a pandemia da Covid-19 afetou as atividades, mas a organização continuou suas operações. Em 2021, houve uma redução no número de pessoas envolvidas e a última atualização das redes sociais da Rede. Por fim, em 2024, a Rede ampliou sua atuação na promoção de alimentos agroecológicos e solidários.

4.2 Principais desafios enfrentados pela Rede Raízes da Mata e possibilidades de atuação

Como dados de pesquisa, entende-se que a Rede tem por base os princípios da agroecologia e economia solidária, organizando diversas iniciativas, como distribuição de cestas agroecológicas, mutirões e intercâmbios, além da certificação por Organização de Controle Social (OCS) em 2018. Seu modelo de comercialização evoluiu ao longo dos anos, passando por desafios como a pandemia da Covid-19, que

impulsionou a venda de cestas via *delivery*, mas também resultou em um enfraquecimento posterior da demanda. Atualmente, a Rede participa do Sistema Participativo de Garantia Orgânica (SPG) no Polo Agroecológico da Zona da Mata e mantém atividades como compras coletivas (desde 2017) e participação em feiras, buscando consolidar um circuito econômico solidário e fortalecer a comunidade agroecológica local.

A partir dessas informações, juntamente aos relatos das participantes, podem ser identificados desafios financeiros, organizacionais, sociais e de marketing.

Segundo as participantes, desde o princípio da Rede, existe ajuda financeira para subsidiar seu funcionamento, mas há dificuldade de ampliar a distribuição de seus produtos, acesso a mais colaboradores para ajudar no funcionamento da organização, entre outros. A1 explica que *“toda atividade econômica demanda crédito só que essas atividades com as quais a gente trabalha não acessa crédito no mercado formal bancário e mais do que isso, quando acessa, acessa por um valor muito grande”*.

Ademais, a organização encontra-se com poucos colaboradores para impulsionar seu funcionamento e desenvolvimento, mantendo-a em um momento de estagnação. Segundo A2, *“então a gente deu uma enxugada grande na equipe. Era uma equipe, sei lá, de 15 pessoas colaborando, né? Entre estagiários e profissionais ficaram três”*. Essa falta de colaboradores gera uma grande sobrecarga de trabalho, que conseqüentemente inviabiliza mecanismos de inovações dentro da organização.

Quanto à democratização do alimento, nota-se que o público atual da rede são pessoas de classe média ou alta, ou seja, as pessoas menos favorecidas não têm acesso a esses alimentos, em razão de seus custos. Em relação à alteração do valor dos produtos, é necessário cobrir a produção e atingir o lucro para seus participantes.

De acordo com o Quadro 3, exibem-se os principais desafios enfrentados pela Rede Agroecológica Raízes da Mata nas diferentes áreas de atuação.

Quadro 3 - Principais desafios enfrentados pela Rede Agroecologia Raízes da Mata

Financeiro	Organizacional	Social	Marketing
Falta de capital de giro e de	Pouca mão de obra	Capitalização de novo consumidores	Redes Sociais e site

mecanismos de arrecadação			
---------------------------	--	--	--

Fonte: Autoria própria(2024).

No âmbito financeiro, destaca-se a falta de capital de giro e de mecanismos adequados de arrecadação, tais como carnês de contribuição, associação de contribuição dos membros, *crowdfunding* ou financiamento coletivo, doações e patrocínios. No campo organizacional, a Rede enfrenta a escassez de mão de obra, já que houve redução no número de colaboradores após a pandemia de Covid-19, que resultou na contenção de gastos e na diminuição das atividades, o que reduziu ainda mais a capacidade de mobilização e gestão.

Para fortalecer a relação existente entre produtores e consumidores, sem criar uma dinâmica de consumo baseada apenas na transação comercial, o projeto busca a formação de uma rede colaborativa, onde os consumidores se tornam "prossumidores", ou seja, participam ativamente da produção e gestão da rede, enquanto parte fundamental no fortalecimento da economia solidária.

Analisando os desafios enfrentados pela Rede Agroecológica Raízes da Mata, várias soluções poderiam ser adotadas para melhorar a sua atuação. No âmbito financeiro, sugere-se a criação de campanhas de financiamento coletivo, como o *crowdfunding*¹, para fortalecer a produção e a comercialização dos alimentos agroecológicos.

A campanha poderia ser estruturada em torno de objetivos específicos, como a construção de novos pontos de venda, a expansão das feiras agroecológicas, ou a aquisição de equipamentos para melhorar a logística de distribuição. A divulgação da campanha poderia ocorrer por meio das redes sociais, utilizando plataformas como Kickstarter, Benfeitoria, ou Catarse, para atingir não apenas os membros da Rede, mas também um público mais amplo, interessado em apoiar a causa da alimentação saudável. Para engajar os apoiadores, a Rede poderia oferecer recompensas simbólicas, como a entrega de cestas agroecológicas, participação em eventos exclusivos, ou até mesmo o reconhecimento como "prossumidor" no projeto. Além disso, as campanhas poderiam contar com a colaboração de parceiros estratégicos, como empresas ou organizações que compartilham os mesmos valores, ajudando na

¹ Utilizar plataformas de financiamento coletivo para arrecadar fundos, especialmente para projetos específicos ou para a construção de novos espaços de comercialização. Isso poderia envolver tanto os membros da Rede quanto o público geral interessado em apoiar a agroecologia.

ampliação da visibilidade e no alcance de novos patrocinadores. Esse tipo de arrecadação permitiria garantir recursos para capital de giro, expansão das atividades e fortalecimento das ações de comercialização, ao mesmo tempo que aproximaria os consumidores da realidade da produção agroecológica.

Realizar eventos de arrecadação, como bazares e jantares temáticos, também pode ser uma forma eficaz de gerar recursos. Para melhorar a arrecadação, a Rede pode ainda estabelecer um sistema de contribuição voluntária entre os membros ou buscar apoio de ONGs e organismos internacionais que financiem projetos voltados à agroecologia.

Em relação ao desafio organizacional, a escassez de mão de obra na Rede Agroecológica Raízes da Mata pode ser superada por meio de parcerias com universidades e cursos técnicos que ofereçam programas de estágio ou voluntariado em áreas específicas com alta demanda, como comunicação, cooperativismo, secretariado, administração, nutrição e agronomia. Essas parcerias permitiriam a formação de uma rede de apoio com estudantes e profissionais que podem contribuir com a gestão da organização, a organização de feiras, a comunicação com os consumidores, o planejamento estratégico e a melhoria na distribuição dos produtos. Além disso, a colaboração com esses programas ajudaria a capacitar e a engajar uma nova geração de profissionais comprometidos com a agroecologia e o desenvolvimento da economia solidária, ao mesmo tempo que resolveria questões relacionadas à escassez de mão de obra qualificada dentro da Rede.

Uma alternativa seria incentivar a cooperação entre as famílias agricultoras e outros grupos comunitários, o que ajudaria na distribuição das responsabilidades e tornaria as operações mais eficientes. Investir na capacitação e qualificação de colaboradores em áreas como gestão de negócios e técnicas de cultivo sustentável também contribuiria para melhorar a organização e até mesmo aumentar a produtividade, caso seja o objetivo.

Quanto ao desafio social de capitalização de novos consumidores, a Rede pode criar programas de fidelização, oferecendo descontos ou benefícios exclusivos para clientes frequentes. Realizar campanhas de conscientização sobre os benefícios da alimentação agroecológica e orgânica, com ênfase na saúde e no meio ambiente, também pode atrair mais consumidores.

Por fim, no aspecto de marketing, a melhoria das redes sociais e do site da Rede pode ser alcançada com um investimento em uma plataforma mais funcional,

que forneça informações claras sobre os produtos, valores e formas de contato. Criar conteúdo relevante, como receitas, dicas de consumo e histórias das famílias agricultoras, ajudaria a engajar o público e atrair novos clientes.

Além disso, a capacitação dos membros para gerenciar as redes sociais e o site, além da implementação de uma plataforma de *e-commerce*, poderia facilitar as compras online e o processo de entrega. Essas soluções, implementadas de forma colaborativa, podem fortalecer a Rede, ampliando sua subsistência financeira e sua presença no mercado de alimentos agroecológicos.

5 CONCLUSÕES

Neste estudo, analisaram-se a história e os desafios enfrentados pela Rede Agroecológica Raízes da Mata, uma iniciativa que busca promover o acesso a alimentos agroecológicos e transformar o consumo em prosumo, por meio de práticas de economia solidária e agroecologia. Com base nas análises realizadas, conclui-se que a Rede atua de forma significativa na Zona da Mata, ao conectar produtores agroecológicos e consumidores, ao mesmo tempo em que promove a construção de um mercado mais justo.

Desde sua fundação em 2011, a trajetória da Rede Raízes da Mata mostra um processo de crescimento e adaptação contínuos, com a implementação de diferentes formas de comercialização, como feiras agroecológicas e a criação de um sistema de fundo de investimentos. A Rede demonstrou sua capacidade de inovação, tanto no contexto local quanto em termos de sua organização interna.

Dessa forma, sugere-se que a Rede continue buscando alternativas inovadoras e colaborativas para superar as dificuldades enfrentadas, mantendo seu compromisso com a agroecologia, a economia solidária e o desenvolvimento local.

REFERÊNCIAS

- AGROECOLOGIA EM REDE. **Rede agroecológica de prossumidores/as Raizes da Mata.** Disponível em: <https://agroecologiaemrede.org.br/experiencia/rede-agroecologica-de-prosumidores-as-raizes-da-mata/>. Acesso em: 15 de Setembro de 2024.
- COSTA, B. L.; CUELLAR, M.; SILVA, M. G. Canais Curtos de Comercialização e Agroecologia: experiências Brasil e Espanha. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, n. 2, 2020.
- COSTA, B. L.; PADILLA, M. C. Circuitos curtos de comercialização e agroecologia: experiências do Brasil e da Espanha. **Interações** (Campo Grande), v. 25, n. 4, 2024. e2544114. <https://doi.org/10.20435/inter.v25i4.4114>.
- DAROLT, M. R. **Conexão Ecológica**: novas relações entre produtores e consumidores. Londrina: IAPAR, 2012. p. 108-133.
- DAROLT, M. R. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos**: reconectando produtores e consumidores. Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, p. 139-170, 2013.
- DAROLT, M. R.; LAMINE, C.; BRANDENBURG, A.; ALENCAR, M. C.; ABREU, L. S. Redes Alimentares Alternativas e Novas Relações Produção-Consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. XIX, n. 2, São Paulo, p. 1-22. abr.-jun., 2016.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MINAS GERAIS. **Assembleia Legislativa de Minas. Institui o Polo Agroecológico e de Produção Orgânica na região da Zona da Mata**. Belo Horizonte, MG, 2018.
- NEUMEIER, S. Why do Social Innovations in Rural Development Matter and Should They be Considered More Seriously in Rural Development Research? - Proposal for a Stronger Focus on Social Innovations in Rural Development Research. **Sociol. Ruralis**, v. 52, p. 48–69, 2012.
- POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIERE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. A pesquisa qualitativa. **Enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, 2008.
- PREISS, P. V.; SCHNEIDER, S. Sistemas Alimentares no Século XXI: uma introdução ao debate. **Sistemas Alimentares no Século XXI: Debates Contemporâneos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.
- RAMBO, A. G.; POZZEBOM, L.; DENTZ, E. V. Circuitos curtos de comercialização e novos usos do território: considerações sobre o PNAE e Feiras Livres. **Revista Grifos**, n. 46, 2019 .

RAMOS, S. F.; CALGARO, H. F. **Circuitos Curtos de Comercialização**: organização social, pesquisa e extensão rural nas Feiras do Produtor Rural em Peruíbe, Estado de São Paulo. *Análises e Indicadores do Agronegócio*, São Paulo, v. 16, n. 12, p. 1-11, dez. 2021.

ROVER, O. J.; DAROLT, R. **Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social** [livro eletrônico]. Florianópolis, SC: Estúdio Sempredo, 2021.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas - negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 09–24. (Estudos Rurais).

SILVEIRA, M. da M. **Possibilidades de envolvimento da agricultura familiar através dos circuitos curtos de comercialização**: a experiência da Rede de Produtos Agroecológicos e locais “Raízes da Mata”. 2013. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YIN, R. K. **Métodos de pesquisa**: Pesquisa Qualitativa do início ao fim. Penso, 2016. Acesso em: <https://idoc.pub/documents/pesquisa-qualitativa-do-inicio-ao-fim-robert-yinpdf-x4ewq9prw843> . Acesso em: 03 de dezembro de 2024.

1 – Nome completo autor/a:

Titulação,

link do Orcid e e-mail:

Contribuição:

2 – Nome completo autor/a:

Vínculo institucional, titulação

link do Orcid e e-mail:

Contribuição:

3 – Exemplo de nome

Engenheiro Ambiental, Doutor em Engenharia Ambiental

<https://orcid.org/0000-0000-0000-0000> • exemplodeemail@ufsm.com

Contribuição: Escrita – Primeira Redação

Como citar este artigo

AUTORIA. Título do artigo. **Extensão Rural**, Santa Maria, v. 43, n. xx, p. xx-xx, xxx./xxx. 2021. DOI 10.5902/23181796xxxxx. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/23181796xxxxx>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.